

Linha temática 10 – Avaliação em contextos online

As redes sociais no apoio ao ensino presencial – um instrumento de avaliação

Henriqueta Costa, Isolina Oliveira

LE@D, Universidade Aberta, Lisboa

henriquetacosta@gmail.com; isolina@uab.pt

Resumo

Os jovens que hoje frequentam os ciclos mais avançados do ensino básico dominam já, nas atividades do quotidiano, as ferramentas tecnológicas. Assim, a escola não é o espaço em que o jovens têm oportunidade de desenvolver a aprendizagem das novas tecnologias mas deve ser o espaço que acolhe a relação que os jovens já estabeleceram com as novas tecnologias utilizando-a para promover a motivação no processo de ensino e aprendizagem.

O nosso estudo foi desenvolvido com base numa atividade proposta aos alunos de um curso de educação e formação no âmbito da disciplina de Higiene, Saúde e Segurança no Trabalho (HSST). A turma tinha 15 alunos a frequentar o primeiro ano de um curso do tipo II, nível II, ou seja, com equivalência ao terceiro ciclo do ensino básico. A atividade proposta aos alunos e desenvolvida ao longo dos segundo e terceiro períodos letivos do ano letivo 2012/2013 obrigava ao recurso à internet e a uma rede social, nomeadamente o facebook. Apesar de todas as aulas de HSST a esta turma serem aulas de cariz presencial, optou-se por solicitar aos alunos o desenvolvimento de uma tarefa integralmente de cariz virtual. Assim, no decurso da tarefa não existiram interações presenciais sobre a mesma que se desenvolvia exclusivamente no espaço de um grupo restrito do facebook. A tarefa foi estruturada em várias fases e todas as fases foram acompanhadas de aulas no laboratório de informática que permitissem a utilização, em contexto de sala de aula do computador. Apesar dos alunos serem estimulados a desenvolver a tarefa fora da sala de aula, as aulas no laboratório de informática garantiam o acesso de todos os alunos ao espaço virtual em que se desenvolvia a tarefa. A avaliação dos alunos no que se refere à atividade desenvolvida integrava uma avaliação aos posts colocados quanto ao seu número e

pertinência e uma avaliação aos comentários apresentados quanto ao seu número, pertinência, contextualização e promoção do diálogo.

O trabalho centra-se, portanto, numa investigação desenvolvida em torno desta atividade de avaliação proposta a um grupo de 15 alunos com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos que se desenvolveu integralmente num contexto online. Pretendemos, ao longo desta comunicação, apresentar as potencialidades desta atividade online como apoio ao ensino presencial e, sobretudo, a avaliação do trabalho realizado pelos alunos integrada na sua avaliação final à disciplina.

Palavras-chave: novas tecnologias, redes sociais, avaliação.

Introdução

As últimas décadas do século passado contribuíram para significativas alterações na sociedade. O elevado desenvolvimento tecnológico no qual se inclui o nascimento e disseminação da internet alteraram o paradigma que se vive na sociedade moderna originando o nascimento da sociedade de informação. A sociedade de informação distingue-se das anteriores pela velocidade a que circula a informação bem como pelo fácil acesso a essa mesma informação a partir de qualquer ponto do planeta. Numa sociedade em constante desenvolvimento, as necessidades dos estudantes que se preparam para o mercado de trabalho mudou. Neste sentido, “advoga-se o desenvolvimento de competências relacionadas com o trabalho em equipa, a capacidade de planificar, as capacidades de comunicação, de pesquisa e processamento de informação, de análise e síntese e de usar ferramentas tecnológicas” (Gomes, Amante & Oliveira, 2012, p. 46).

Com as tecnologias disponíveis e acessíveis à maioria, crianças e jovens aprendem, desde muito cedo, a explorar os recursos de forma a conseguir comunicar e aceder a informações da melhor forma e o mais rapidamente possível. No início da sua escolarização, as crianças utilizam já, em casa e na escola, os computadores e a internet, para comunicar com colegas, divulgar e aceder a informações. As redes sociais, apesar de e teoricamente interditas a crianças com menos de 15 anos de idade, estão repletas de perfis que estas abrem sozinhas e cujo acompanhamento pode ou não ser feito por adultos. A geração que hoje frequenta as nossas escolas básicas e secundárias é uma

geração informatizada, uma geração tecnologicamente apta e experiente, a geração que muitos denominam de “geração digital”.

Os jovens, estudantes de cursos de natureza profissionalizante, preparando-se para a vida ativa, devem adquirir, na escola, estas competências pelo que se torna emergente que a escola se adapte à nova realidade dos jovens que a procuram mas também da sociedade que os espera. Adaptando a avaliação dos alunos às suas apetências e às competências exigidas pela sociedade, torna-se possível e mesmo desejável a introdução de instrumentos de avaliação digitais no ensino básico e secundário. Estes instrumentos de avaliação, não sendo tradicionais, podem originar alguns receios por parte da comunidade escolar pelo que a sua utilização deve obedecer a critérios rigorosos que permitam o desenvolvimento de sentimentos de segurança e confiança sobre os mesmos. Assim, os critérios de avaliação devem manter as dimensões de autenticidade, consistência, transparência e praticabilidade (Gomes, Amante & Oliveira, 2012) dentro de cada uma das vertentes avaliadas. E quais as vertentes que podem ser avaliadas? O trabalho desenvolvido com suporte na web 2.0 permite ao professor avaliar, além dos conhecimentos dos alunos no âmbito da disciplina em questão, as suas capacidades de comunicação, de pesquisa e de seleção de informação.

Os jovens e as tecnologias

As últimas décadas do século passado contribuíram para significativas alterações na sociedade. O elevado desenvolvimento tecnológico, no qual se inclui o nascimento e disseminação da internet, alterou o paradigma que se vive na sociedade moderna inaugurando a sociedade de informação. A sociedade de informação distingue-se das anteriores pela velocidade a que circula a informação bem como pelo fácil acesso a essa mesma informação a partir de qualquer ponto do planeta. Hoje em dia, o acesso à informação está disponível a qualquer pessoa e em qualquer momento. As notícias correm mundo à velocidade da luz – ou da fibra óptica que suporta o sistema informático!

Assim, o desenvolvimento tecnológico que se processou na segunda metade do século XX e do qual surgiram recursos tecnológicos como os telemóveis, os computadores ou a internet, introduziu drásticas mudanças na sociedade que vão muito além das mudanças técnicas. Estes recursos, estando disponíveis não apenas a uma pequena

franja de cidadãos mas sim à sua maioria – quando nos referimos, naturalmente, aos países mais desenvolvidos – originaram significativas mudanças não só na forma da sociedade aceder ao conhecimento mas também na forma da sociedade comunicar e partilhá-lo.

Com as mudanças paradigmáticas que a sociedade sofreu nas últimas décadas e com a entrada na escola de jovens e crianças tecnologicamente mais aptos do que a maioria dos professores, urge mudar também o paradigma da educação de forma a aproximá-la não só dos jovens que frequentam a escola mas também da própria sociedade. A escola não pode ser mais o local onde os jovens vão adquirir conhecimento porque este conhecimento está disponível em muitos outros espaços e a escola tem de preparar crianças, jovens e adultos para as novas possibilidades de aquisição desse conhecimento. As tecnologias colocadas à disposição de professores e alunos nas escolas não podem ser perspetivadas como meras substituintes de anteriores recursos devendo apresentar-se como um meio para a transição para “um novo paradigma de ensino-aprendizagem, [representando] um recurso para a inovação educacional” (Sousa, 2013, p. 4).

Osborne (2003) apresenta sete indicações metodológicas que devem ser seguidas para a utilização das tecnologias em contexto de aula de forma a que estas conduzam, efetivamente, a uma melhoria da aprendizagem em ciências. Estas indicações são: i) o professor deve assegurar-se de que a utilização das tecnologias é apropriada e valoriza as aprendizagens em questão; ii) o uso das tecnologias deve estar enquadrado nas práticas pedagógicas correntes do professor e nos pré-conceitos dos estudantes; iii) a atividade deve ser estruturada de forma a que os alunos tenham de assumir alguma responsabilidade e tenham oportunidade de desenvolver uma participação ativa; iv) é essencial promover nos alunos a reflexão sobre os conceitos e relações subjacentes criando momentos de discussão, análise e reflexão; v) manter o foco na atividade de investigação desenvolvendo competências de recolha e análise de dados; vi) deve explicitar a relação entre o uso das tecnologias e o processo de ensino e aprendizagem em curso; finalmente vii) deve ser encorajada a partilha de descobertas e ideias dentro do grupo-turma.

As redes sociais

Assim, com estas tecnologias disponíveis e acessíveis à maioria, crianças e jovens aprendem, desde muito cedo, a explorar os recursos de forma a conseguir comunicar e aceder a informações da melhor forma e o mais rapidamente possível. São muitas as crianças, em Portugal e pelo mundo fora, que com apenas alguns anos de vida conseguem utilizar o telemóvel com facilidade explorando, mesmo sem a ajuda dos adultos, todas as suas funcionalidades. No início da sua escolarização, as crianças utilizam já, em casa e na escola, os computadores e a internet, para comunicar com colegas, divulgar e aceder a informações. As redes sociais, apesar de teoricamente interditas a crianças com menos de 15 anos de idade, estão repletas de perfis que estas abrem sozinhas e cujo acompanhamento pode ou não ser feito por adultos. A geração que hoje frequenta as nossas escolas básicas e secundárias é uma geração informatizada, uma geração tecnologicamente apta e experiente, a geração que muitos denominam de “geração digital”. Esta geração digital, formada por jovens denominados por “nativos digitais” (Prensky, 2001) é falante nativa das tecnologias digitais, como o computador ou a internet, desenvolvendo competências muito diferentes das dos alunos de outrora e estruturando o seu pensamento igualmente de forma diferente.

No início do século XXI e com o nascimento da web 2.0., a utilização da internet nas escolas alterou-se. Os alunos e professores deixaram de recorrer à internet como meros recetores de informação. Com o apogeu da web 2.0., a internet tornou-se num meio de comunicação entre o mundo e o indivíduo mas também entre o indivíduo e o mundo. “A maleabilidade tecnológica dos novos media permite uma muito maior integração de todas as fontes de comunicação no mesmo hipertexto, logo, a comunicação digital tornou-se menos organizada centralmente, mas absorve na sua lógica uma parte crescente da comunicação social” (Castells, 2005, p. 24).

Atualmente, o recurso internet apresenta inúmeras possibilidades para os estudantes e professores. Além de fonte de informação rápida e acessível, a internet permite e fomenta a interação entre professores e alunos bem como de alunos entre si através de recursos como o correio eletrónico ou os chats. Para além disso, a interação entre alunos é potenciada em espaços como os blogues ou as wikis, ferramentas que permitem a construção colaborativa de páginas, e até mesmo as redes sociais que são utilizadas não só para interações pessoais e sociais mas também por professores e alunos como espaço

de diálogo e de partilha de conhecimentos. A internet transformou-se realmente numa rede em que professores e alunos dos mais diversos pontos do planeta podem trocar as suas informações, receber informações, aceder a descobertas e partilhar as suas realidades locais. A sala de aula deixou de estar limitada ao espaço dentro da escola para estar disponível para muitos alunos, fora do espaço e do tempo de aula.

O facebook é uma rede social com cerca de 9 anos que começou por se restringir ao espaço virtual partilhado por alunos e professores de Harvard e abrindo-se, no espaço de dois anos, ao mundo. Entre os diversos motivos que Hew (2011) encontrou, no seu estudo, para a utilização do facebook pelos jovens, encontram-se a manutenção de relações, o conhecimento de novas pessoas, a promoção da sua popularidade mas também para a facilitação da sua aprendizagem na troca de informações e ideias com colegas e professores. Verifica-se, então, que os estudantes percebem o facebook como um espaço virtual capaz de os aproximar dos outros facilitando a comunicação em relações que se desenvolvem à distância. Esta facilitação, associada à potencialidade oferecida pela rede social permitir a disseminação dentro de um grupo mais ou menos restrito da pesquisa individual e da manutenção por longos períodos da informação no espaço do grupo, torna o facebook um veículo promotor de comunicação e organização de tarefas de aprendizagem.

Os participantes no estudo

O nosso estudo decorreu durante o ano letivo 2012/2013 na Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco. Esta é uma escola de 2º e 3º ciclos e secundário cujos alunos são, em grande parte, provenientes de um bairro social nas imediações. Na sua oferta formativa, a escola disponibiliza aos seus alunos não apenas os cursos de ensino regular mas também turmas de percursos curriculares alternativos, cursos profissionais e cursos de educação e formação de jovens (CEF) e adultos (EFA) de diversos níveis. Estes cursos integrados no Programa Novas Oportunidades para jovens, foram criados com vista a responder às necessidades de alunos com mais de 15 anos que se encontram em risco de abandono escolar e têm como principal objectivo fornecer uma oferta pedagógica alternativa diversificada e flexível, que promove a literacia na comunidade e oferece aos alunos uma qualificação profissional. Os percursos alternativos e os de natureza profissionalizante pretendem apresentar-se como uma alternativa aos alunos que demonstraram, ao longo do seu percurso escolar, dificuldades educativas acentuadas,

desinteresse no processo regular de aprendizagem e risco de abandono escolar. Deste modo, os alunos que integram as turmas dos referidos cursos são alunos mais velhos do que os colegas do ensino regular em semelhante nível mas também jovens menos interessados nos processos de ensino e aprendizagem que normalmente decorrem nas escolas.

O estudo envolveu uma turma do curso de educação e formação de Atendimento Comercial tipo II, nível II. Este curso, com a duração de dois anos letivos, recebia alunos com o segundo ciclo completo ou frequência do terceiro ciclo e, à saída, permitia a obtenção de equivalência ao 9º ano (que, associada à realização dos exames nacionais possibilitava o ingresso no ensino secundário) e de um diploma profissional de nível II. A referida turma tinha dezasseis alunos sendo que cinco desses alunos excederam o limite de faltas em todas ou quase todas as disciplinas tendo deixado de comparecer na escola no decurso do ano letivo. Assim, o nosso estudo não contemplou a participação destes alunos que faltaram à totalidade ou à grande maiorias das aulas referentes a esta atividade não tendo sido avaliados na atividade. De entre os 11 alunos que participaram na atividade, 9 são raparigas e apenas 2 rapazes, sendo que as suas idades variavam entre os 15 e os 19 anos.

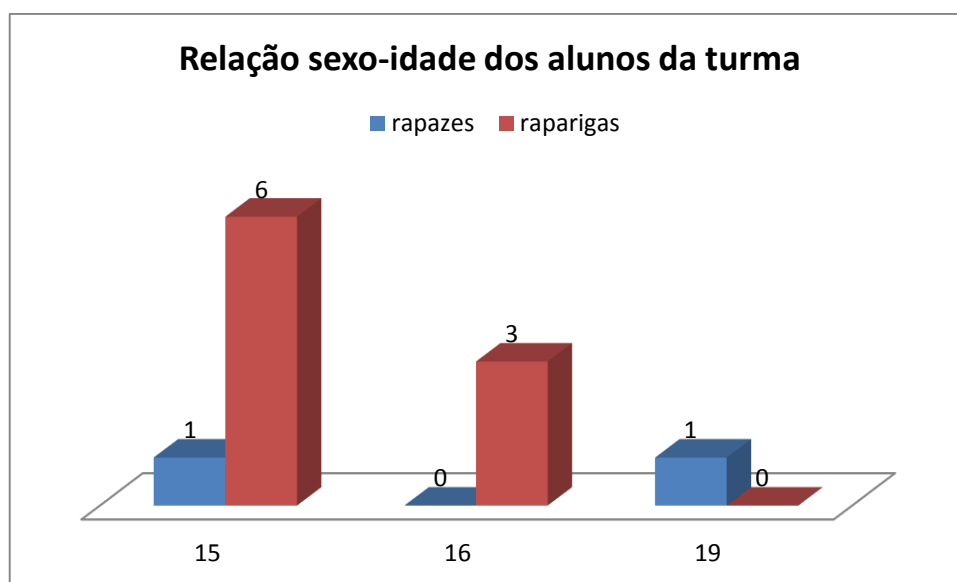


Figura 1 - Idades dos alunos participantes no estudo distribuídas por género.

Os CEFs apresentam uma estrutura curricular semelhante em todos os níveis estando esta plasmada no artigo 4º do capítulo I do anexo à portaria 118/2005 da Secretaria Regional da Educação da Região Autónoma da Madeira. Assim, estes cursos

apresentam quatro componentes. A componente de formação sócio-cultural e a de formação científica integram as disciplinas sob as indicações do Ministério da Educação visando o desenvolvimento pessoal, social e profissional perspetivando o desenvolvimento equilibrado do jovem e a aproximação ao mundo do trabalho através de áreas como a cidadania e a segurança. A componente de formação tecnológica apresenta-se sob a orientação das diretrizes do Ministério do Trabalho e da Solidariedade desenvolvendo competências essenciais para a qualificação desejada mas considerando sempre as especificidades dos públicos e contextos desta oferta formativa. Por fim, a componente de formação prática é estruturada individualmente e pretende o desenvolvimento do formando em contexto profissional.

Entre as doze disciplinas obrigatórias deste curso encontra-se, na componente de formação sócio-cultural, a disciplina de Higiene, Saúde e Segurança no Trabalho (HSST). Foi no âmbito desta disciplina que se desenvolveu, com os alunos que a frequentavam, um trabalho de carácter avaliativo online, com recurso a uma rede social, o facebook. Todos os alunos participantes nesta atividade referiram, antes do seu início, estar familiarizados com a rede social em que se desenvolveria o trabalho.

Preparação do trabalho no facebook

A disciplina de HSST era lecionada em períodos de 45 minutos, uma vez por semana, numa sala de aula. O desenvolvimento da tarefa prevista online obrigava a que todos os alunos da turma tivessem acesso a um computador com ligação à internet. Apesar da maioria dos alunos referir ter computador em casa e acesso à internet também em casa ou no espaço escolar através do serviço wireless disponibilizado pela escola, a única forma de garantir que, durante o período previsto para a realização do trabalho, os alunos teriam acesso ao facebook era disponibilizar esse acesso no decurso da aula. Com este objetivo, a docente de HSST requisitou uma sala de informática para 5 aulas do segundo período escolar. A sala de informática requisitada possibilitava acesso a 11 computadores com ligação à internet.

A primeira aula na sala de informática ocorreu no início do segundo período, na segunda semana de janeiro. Esta foi uma aula de preparação em que os alunos ainda não tinham sido informados dos objetivos do trabalho no facebook. Nesta aula, a docente questionou os alunos sobre os seus perfis individuais no facebook e soube que uma das aulas não utilizava, no momento, o facebook regularmente pelo que a sua conta já se

encontrava desativada e ela não desejava reativá-la. Assim, de acordo com a vontade da aluna, a mesma abriu uma nova conta no facebook. Também a professora da HSST acedeu ao seu facebook pessoal nessa aula e criou um grupo de trabalho denominado HSST 3º F do qual se tornou administradora e para o qual convidou todos os alunos da turma.

Os alunos foram, então, informados sobre os moldes em que iria decorrer o trabalho no facebook. Relativamente às indicações programáticas, as temáticas a serem lecionadas no decurso do segundo período estavam relacionadas com riscos, acidentes e segurança no trabalho e ergonomia. Os alunos deveriam, no decurso do segundo período e com data limite a penúltima aula de HSST do período, colocar, no espaço do grupo um mínimo de dois posts sobre a matéria lecionada e fazer um mínimo de seis comentários aos posts colocados pelos colegas. O objetivo era desenvolver uma discussão em torno de imagens ou artigos que os estudantes encontrassem online e que estivessem diretamente relacionados com a os conteúdos que estavam sendo lecionados na disciplina. Os alunos receberam também indicações sobre os critérios de avaliação da atividade uma vez que a classificação obtida nesta atividade corresponderia a 20% da avaliação do segundo período. Os posts deveriam ser colocados com algum tipo de legenda que motivasse os colegas a iniciar os comentários e os comentários colocados nos posts dos colegas poderiam assumir a forma de questões ou desafios ou serem a resposta a questões ou desafios dos colegas. Os alunos teriam um total de 3 aulas para desenvolverem o trabalho mas poderiam e deveriam aceder ao seu grupo no facebook em outros momentos, inclusive fora do espaço escolar, podendo comentar as publicações dos colegas sempre que lhes fosse conveniente.

Na véspera do início programado para a atividade, a docente colocou duas fotos sobre riscos e acidentes no trabalho com uma legenda que pretendia desafiar os alunos para comentários. Pretendia-se, com esta iniciação do trabalho, deixar claro aos alunos o tipo de intervenções que eram desejadas.

Desenvolvimento da tarefa

Em fevereiro decorreu a primeira aula destinada ao trabalho de grupo a realizar online utilizando como suporte a rede social. Nesta aula, todos os alunos pesquisaram online sobre as temáticas em estudo e a maioria dos alunos colocou o seu primeiro post e apresentou os primeiros comentários. O espaço da turma na rede social foi também

utilizado para recordar os alunos das tarefas a realizar no âmbito desta e de outras atividades. Ao preparar a segunda aula destinada à realização da tarefa, a professora de HSST foi confrontada com um problema. Por motivos financeiros, a escola tinha vedado o acesso às redes sociais através dos computadores da escola ou da sua conta wireless. A docente contactou com o presidente da direção executiva da escola que compreendeu a importância da inovação na motivação dos alunos e reativou o acesso às redes sociais apenas na rede de internet fixa da escola. Assim, a antepenúltima e a penúltima aulas do segundo período do ano letivo 2012/2013 desenvolveram-se no laboratório de informática possibilitando que os alunos acessem ao facebook, pesquisassem e publicassem os devidos posts e comentários. No decurso desta atividade, duas alunas acederam ao espaço do grupo na rede social fora do horário escolar e publicaram comentários, contudo, os restantes alunos da turma apenas acederam no horário escolar destinado à tarefa. Os posts publicados pelos alunos no decurso deste trabalho incluíram, não apenas imagens recolhidas online e hiperligações para notícias também disponíveis online, mas também fotografias que os estudantes tiraram no recinto escolar, com recurso a dispositivos móveis. As fotos, depois de recolhidas com os telemóveis ou iPods dos alunos, foram publicadas online pelo acesso livre wireless que a escola disponibilizava.

Na última aula do período os alunos foram convidados a preencher um questionário de avaliação da atividade onde, entre outras referências, deveriam mencionar se gostariam de realizar nova atividade no espaço do facebook no terceiro período. A maioria dos alunos referiu ter sentido uma elevada motivação para desenvolver a tarefa na rede social e todos os alunos referiram querer continuar a trabalhar naquele espaço virtual no último período letivo do ano. Por este motivo, decidiu-se continuar a realizar a tarefa de trabalho de pesquisa no espaço da rede social mantendo os critérios de avaliação e a modalidade de acesso à rede e alterando apenas as temáticas a desenvolver de forma a abranger os conteúdos estudados no terceiro período. Os conteúdos a avaliar no terceiro período e para os quais os estudantes deveriam continuar a publicar um mínimo de dois posts e de seis comentários foram, então, plantas de emergência e direitos e deveres dos trabalhadores.

Avaliação dos alunos através da tarefa realizada online

A tarefa realizada no facebook foi complementar à avaliação realizada presencialmente e em contexto de sala de aula. A avaliação dos alunos desta turma, à disciplina de HSST, estava, por determinação do Conselho Pedagógico e dos grupos disciplinares responsáveis por esta disciplina e que eram os grupos 510, de física e química, e 520, de biologia e geologia, distribuída da seguinte forma: 40% para a componente sócio-afetiva e 60% para a componente cognitiva sendo que destes últimos 40% correspondiam às classificações dos testes escritos – que eram presenciais – e 20 % ao trabalho de pesquisa. Assim, sendo esta uma disciplina lecionada de forma exclusivamente presencial, 80% da sua avaliação era feita de modo presencial e apenas os 20% correspondentes ao trabalho de pesquisa foram, nos segundo e terceiro períodos letivos, atribuídos à classificação obtida na tarefa desenvolvida no facebook.

A tarefa, como foi já referido, consistia na publicação, por período, de um mínimo de dois posts, que poderiam ser fotos ou links para outro tipo de publicações disponíveis online, integrados nas temáticas em estudo e de seis comentários pessoais aos posts publicados pelos colegas. Cada um dos posts era classificado até um máximo de 4 valores correspondendo a cotação máxima obtida nos posts a 8 valores. Os restantes 12 valores para a classificação máxima de 20 valores na tarefa estavam distribuídos equitativamente pelos seis comentários ficando cada comentário com um máximo de dois valores.

A cotação estava distribuída por níveis de desempenho. No que se refere aos posts, uma publicação pertinente com uma legenda pertinente correspondia ao nível máximo, seguindo de uma publicação pertinente com uma legenda pouco pertinente. No nível intermédio tínhamos uma publicação pertinente sem legenda e depois uma publicação pouco pertinente com legenda. Por último estava a publicação não pertinente.

Os níveis de desempenho dos comentários incluíam o comentário muito pertinente que estimula à participação seguindo do comentário muito pertinente associado às questões do programa. No nível intermédio está o comentário pertinente, depois o comentário pouco pertinente, distanciado das questões do programa e, por fim, o comentário desajustado da publicação e das questões do programa. O quadro I apresenta as classificações por níveis de desempenho de ambos os posts e comentários dos alunos para uma classificação final de 20 valores na tarefa proposta.

Quadro I – Classificações dos posts e respectivos comentários

Posts (2 x 4 valores)		Comentários (6 x 2 valores)	
Nível de desempenho	Classificação (valores)	Nível de desempenho	Classificação (valores)
Post pertinente com legenda pertinente	4,0 a 3,3	Comentário muito pertinente que estimula a participação e refere as questões da disciplina	2,0 a 1,7
Post pertinente com legenda pouco pertinente	3,2 a 2,5	Comentário muito pertinente associado às questões do programa	1,6 a 1,3
Post pertinente sem legenda	2,4 a 1,7	Comentário pertinente	1,2 a 0,9
Post pouco pertinente com legenda pouco pertinente	1,6 a 0,8	Comentário pouco pertinente muito distanciado das questões do programa	0,8 a 0,5
Post não pertinente	0,7 a 0	Comentário desajustado à publicação e às questões do programa	0,4 a 0
Cotação máxima = 8 valores		Cotação máxima = 12 valores	
Classificação máxima na tarefa = 20 valores			

De salientar que a pertinência quer de posts quer de comentários estava associada à relação que os mesmos permitiam estabelecer entre a realidade das situações de trabalho com a matéria que estava a ser lecionada. Assim, um comentário ou um post muito pertinente seria aquele que apresentasse uma situação do quotidiano capaz de refletir os conteúdos trabalhados em sala de aula.

No segundo período apenas uma aluna publicou apenas um post e nenhum comentário; três alunos publicaram os dois posts mas menos de seis comentários e os restantes

alunos publicaram o mínimo solicitado ou mais. As classificações finais desta tarefa, no segundo período, situaram-se entre os 3,5 valores e os 15,3 valores e a média da turma nos 10,7 valores.

No terceiro período a média das classificações melhorou tendo aumentado para 11,3 valores, contudo dois alunos não publicaram quaisquer comentários tendo apenas publicado os posts solicitados. As classificações finais desse período situaram-se entre os 8,0 valores e os 13,0 valores. Assim, apesar da classificação máxima ter diminuído, as classificações, no global, aumentaram.

Avaliação da tarefa

No final do segundo período e, de forma a compreender os efeitos de uma tarefa totalmente nova para os alunos, apresentou-se aos alunos um questionário sobre o trabalho realizado com recurso ao facebook. Neste questionário, os alunos além de referirem a frequência de utilização da internet e das redes sociais, deveriam fazer uma auto-avaliação relativamente ao trabalho desenvolvido e apresentar a sua concordância com algumas afirmações sobre o trabalho desenvolvido online.

Oito dos onze alunos que participaram na tarefa referiram ter participado apenas o mínimo exigido sendo que apenas 3 dos estudantes assumiram ter participado na tarefa mais do que o mínimo exigido. Todos os estudantes aceitaram ter realizado a tarefa exclusivamente no decurso das aulas e acedido ao espaço do facebook do grupo apenas através do acesso de internet da escola. Esta assunção é compreensível uma vez que apenas foram apresentados dois comentários fora do espaço-tempo da aula que, possivelmente, acabaram por tornar-se insignificantes para as estudantes que os realizaram uma vez que as intervenções realizadas em contexto de aula em número muito mais significativo. Também em resposta a este questionário, todos os alunos referiram concordar ou concordar totalmente com as afirmações “O trabalho no facebook ajudou-me a relacionar a matéria de HSST com a situações reais” e “Usar o facebook foi motivador”.

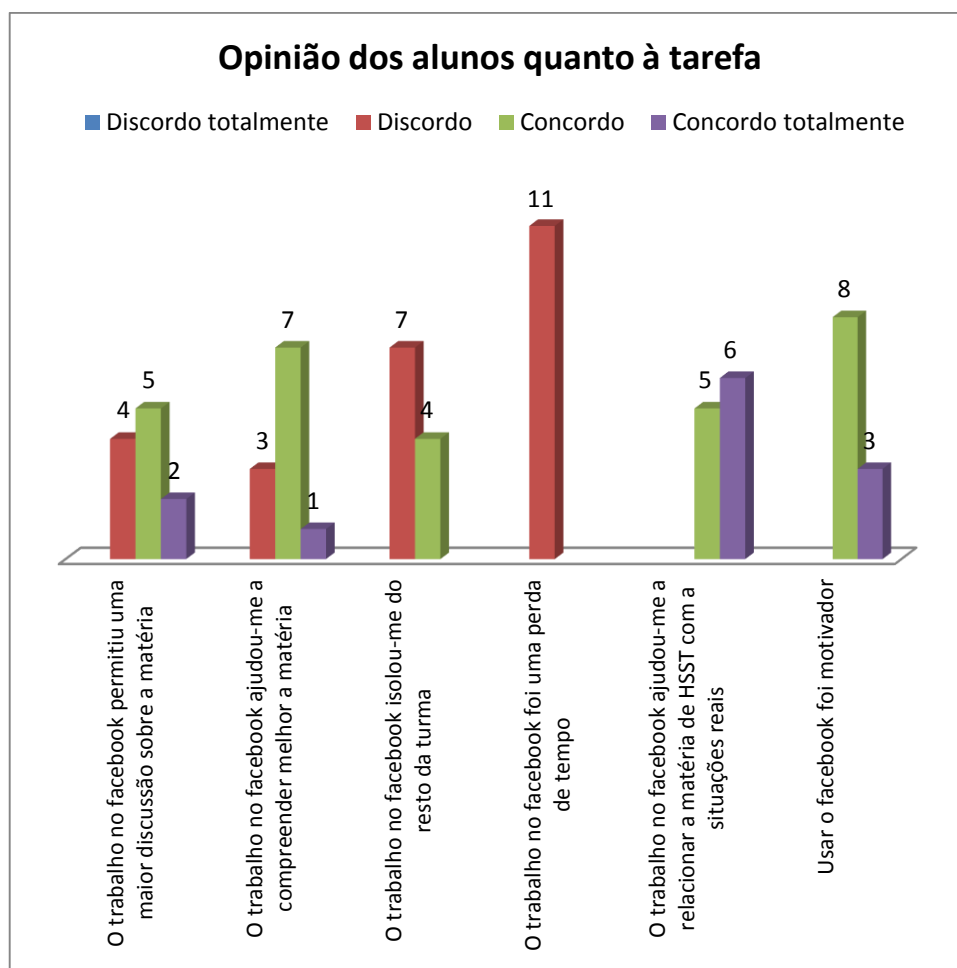


Figura 2: A opinião expressa pelos alunos referindo-se à tarefa realizada com o facebook como suporte.

Finalmente, como referido anteriormente, todos os estudantes desta turma aceitaram que gostariam de continuar a desenvolver este tipo de tarefa no facebook.

Considerações finais

As redes sociais fazem parte do quotidiano dos nossos jovens e as tecnologias podem e devem ser aproveitadas para desenvolver nos jovens a motivação pela aprendizagem mas também para ajudar a estabelecer mais facilmente relações entre a realidade e as temáticas desenvolvidas nas disciplinas escolares.

No nosso estudo pudemos comprovar que os alunos envolveram-se de forma muito positiva na tarefa realizada com recurso ao facebook concluindo-a, na sua maioria, com classificação positiva. A continuidade de desenvolvimento da tarefa do segundo para o

terceiro período permitiu uma ainda maior participação por parte dos alunos que obtiveram resultados escolares ainda mais satisfatórios.

De salientar que a maioria dos alunos apenas participou na tarefa em contexto de sala de aula o que pode ser o reflexo de dois fatores, por um lado, alguns alunos podem não ter acesso à internet fora do recinto escolar, por outro, o desinteresse dos alunos na realização das tarefas escolares em casa é notório. Contudo, apesar de terem total liberdade de aproveitar o seu tempo online para as atividades que desejassem, em contexto de sala de aula, a grande maioria dos alunos completou a sua tarefa e mais de metade participou com um número de publicações e intervenções que superou o mínimo exigido pela professora da disciplina.

Bibliografia

Gomes, M., Amante, L., & Oliveira, I. (2012). Avaliação Digital No Ensino Superior Em Portugal: Primeiros Resultados. *Revista Linhas*, 13(2). Disponível em

<http://periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723813022012010/2131>

Castells, M. & Cardoso, G. (2005). *A sociedade em rede: do conhecimento à ação política*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Clarke, A. (2011). *How to use technology effectively in post-compulsory education*. London: Routledge.

CERI (2007). *Digital Learning Resources as Systemic Innovation – Project Outline and Definitions*. OCDE

Hew, K. (2011). Students' and teachers' use of Facebook. *Computers in Human Behavior*, 27, 662–676.

OCDE (2010). *Inspirados pela tecnologia, norteados pela pedagogia – Uma abordagem sistémica das inovações educacionais de base tecnológica*. Santa Catarina: Centro de Pesquisas Internacionais e Inovação.

Osborne, J. & Hennessey, S. (2003). *Literature Review in Science Education and the role of ICT: promise, problems and future directions*. *FutureLab Series*. Bristol: FutureLAB.

Sousa, A. (2013). *As TIC no ensino profissional: utilização na sala de aula das Tecnologias da Informação e da Comunicação pelos alunos*. CIES e-Working Paper N.º 155/2013.